

Pesquisa Qualitativa no Campo do Turismo¹

Teodósio Caumo²
Universidade de Caxias do Sul

RESUMO

A pesquisa para o campo do turismo também requer procedimentos de investigação específicos, qualitativos, focalizando os principais temas e problemas desta área. Trata-se da criatividade metodológica que visa qualificar o processo da investigação, sem que o pesquisador venha a desrespeitar as regras genéricas da ciência. A metodologia qualitativa procura evidenciar as essências que constituem o fenômeno turístico que estiver em questão. Esta postura fenomenológica também requer a vivência do próprio pesquisador diretamente na realidade que investiga. Os significados dos dados são obtidos através das experiências vividas pelos próprios sujeitos da pesquisa. Assim, surgem as evidências reveladoras de um fenômeno turístico, inclusive aquelas que permaneceriam encobertas pelas aparências ou subentendidos a outros dados. Os conhecimentos qualitativos que procuramos para o campo do turismo também dependem, pois, da postura metodológica a ser adotada pelos próprios pesquisadores.

Palavras-chave: ciência; metodologia; conhecimento; turismo.

Situar o objeto da investigação

Enquanto o pesquisador focaliza o problema da pesquisa em determinada área temática, paralelamente ele também começa a reconstituir uma nova compreensão, iluminando um "vazio" a ser preenchido, e identificando a necessidade de uma nova investigação. Ali está, pois, o início de uma construção que também se constitui em início do seu relatório de pesquisa. Ou seja, desde projeto de pesquisa, o pesquisador começa a relatar e a descrever os procedimentos e posicionamentos que adota. Seu relatório torna-se pesquisa científica³

1 Trabalho apresentado no IV Semin TUR - Seminário de pesquisa em Turismo do MERCOSUL - Universidade de Caxias do Sul - Mestrado em Turismo. Caxias do Sul, RS, Brasil - 7 e 8 de JULHO DE 2006.

2 Autor: Teodósio Caumo, Bacharel em Comunicação Social (Unisinos); Pós-Graduação em Adm. do Turismo (PUCRS); Mestrado em Educação (PUCRS); Doutorado em Educação (UFRGS); Professor na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

3 A ciência procura desenvolver o conhecimento racional, metódico e sistemático, passível de ser submetido à verificação. Conforme DENKER (1998, p.18), é um conjunto provisório de conhecimentos que podem ser

porque também permite a outros pesquisadores, *a posteriori*, compreenderem "como" foi que ele procedeu em cada momento da sua investigação. Ou seja, outros investigadores poderão conhecer não apenas as razões das suas opções, como também precaver-se para evitar os mesmos problemas e obstáculos anteriormente já encontrados. Para construir os diferentes campos da ciência também é preciso que cada pesquisador também relate o histórico do andamento da própria pesquisa, envolvendo especificamente os objetos de seu campo de estudos, incluindo os próprios equívocos e obstáculos encontrados. Ou seja, também as dificuldades são "dados" que possuem significados, cuja constatação não deixa de ser o início de uma superação, contribuindo historicamente na construção de conhecimentos que não seriam obtidos de outro modo. Isso também permite captar significados desde sua origem, ainda despidos das aparências.

Ou como esclarece Bordieu (1994), é preciso captar os significados dos dados antes mesmo que adquiriram diferentes "capas de significados". Essa impregnação intencional e consciente⁴ por parte de cada pesquisador - o que também requer uma ampla e profunda impregnação com a fundamentação teórica - torna-se a etapa da pesquisa que efetivamente prepara o pesquisador para confrontar-se com concepções de outros pesquisadores, podendo ele não apenas ampliar sua própria "visão de mundo", como também começar a mudar a si mesmo, mudando a realidade dos que com ele vivem e convivem.

A partir dos significados culturais e contextuais, começa-se a compreender o sentido subjetivo dos dados que envolvem o objeto da pesquisa. Para isso, recomenda-se vivenciar o sentido que os dados adquirem juntamente com os demais sujeitos participantes da

submetidos a testes e, inclusive, vir a ser refutados - o que não invalida os procedimentos adotados, quando estes apontam para outros procedimentos. Já a metodologia da ciência estuda e qualifica métodos e processos para descobrir novos conhecimentos. O método, por sua vez, pode ser visto como uma forma ordenada de procedimentos que podem ser adotados ao longo do processo operacional e intelectual de uma investigação científica. Estabelece "o que fazer" através de passos que orientam a busca e análise dos dados. A forma de aplicação do método - "como fazer" - chama-se de técnica, incluindo procedimentos teóricos e práticos, bem como orientações sobre a utilização de recursos auxiliares.

4 Toda a consciência, diz a fenomenologia, é sempre consciência de alguma coisa, visa sempre a alguma coisa. A "*consciência ativa e reflexiva*", conforme Chauí (1997, p.119), "*reconhece a diferença entre o interior e o exterior, entre si e os outros, entre si e as coisas.*" Esse grau de consciência é que permite a existência da consciência em suas quatro modalidades: eu, pessoa, cidadão e sujeito. Este é o último grau da consciência definido pela fenomenologia como consciência intencional, ou como intencionalidade.

pesquisa. Esta postura, ou consciência intencional do pesquisador, em busca dos demais significados produzidos pelos sujeitos, implica não apenas sobre a busca e análise dos dados, como também sobre os resultados finais da pesquisa. Ou seja, sem essa impregnação com os dados (obtida diretamente na realidade investigada), nenhum pesquisador poderá discernir, com segurança, os aspectos essenciais de cada fenômeno. Essa impregnação é o que lhe possibilita "intuir" respostas, inclusive as inspiradas pelos demais participantes. Atento ao que se mostra, o pesquisador começa então a identificar o que é típico ou atípico em cada situação, registrando, documentando, e relatando os significados que os dados adquirem.

Pode optar pela "pesquisa-ação", caso o pesquisador tenha objetivos pré-elaborados; ou pela "pesquisa participante", caso os objetivos não possam ser previstos por ele *a priori*. Convivendo com os turistas, por exemplo, sua compreensão também recebe os significados produzidos por eles. Originariamente, estes também pertencem aos elementos constituintes da estrutura existencial do próprio fenômeno em questão. Tanto as percepções dos sujeitos, como suas percepções e intuições precisam de uma metodologia de trabalho para serem captados. Ou seja, no conhecimento objetivo também existe um conhecimento subjetivo. E o sujeito do conhecimento será aquele que reflete sobre as relações existentes entre atos e significações. Ou seja, a estrutura de um fenômeno contém objetividade e subjetividade; contém ação e percepção, imaginação e memória, linguagem e pensamento.

Uma postura que ilumina o processo da investigação

Com essa ótica que possa ir além dos interesses puramente pragmáticos, a metodologia qualitativa apresenta-se como criação de um caminho que tanto organiza o pensamento do pesquisador quanto dos pesquisados. São os procedimentos que nos ajudam a evidenciar as dimensões objetivas e subjetivas implícitas. Os procedimentos não implicam apenas em coletar dados, mas em coletar seus diferentes significados, orientando nossa "visão de mundo". Orientação que já se revela pelo referencial teórico interpretativo

que vem guiando nossos procedimentos, percepções e intuições sobre o sentido que significados dos dados adquirem. Ou seja, um referencial interpretativo não é apenas uma opção do pesquisador, mas também é um guia que aponta e ilumina uma direção metodológica. Aponta para o que é preciso compreender, a fim de avançar. Não deixa de ser o que vai sendo construído e relatado pelo pesquisador, delimitando originariamente sua pesquisa sob uma ótica particular, iluminando algo que até então era pouco conhecido no campo que ora investiga. A pesquisa qualitativa também requer, pois, a participação direta do pesquisador, vivenciando ele mesmo as situações que investiga, atuando ele mesmo como pesquisador e como o pesquisado, buscando pelas respostas também adequadas às características dos demais sujeitos que vivem e interagem diretamente na realidade daquele fenômeno. E os conhecimentos encontrados certamente alcançam êxito justamente porque foram produzidos para atender necessidades, anseios e expectativas daqueles que efetivamente fornecem vida e existência àquele fenômeno turístico.

Convivendo com os pesquisados (durante todas as etapas de uma pesquisa) revelam-se significados, concepções de mundo, motivos de lutas, valores, anseios, expectativas. Com esta postura que respeita e acata culturas, podemos realizar pesquisas que objetivam singularidades de inestimável valor social, cultural e turístico, respectivamente. Nesta perspectiva, existe uma longa tradição na produção de conhecimentos que se concentra na antropologia, da qual destacamos alguns aspectos de caráter etnográfico⁵. A etnografia surgiu como uma descrição de um sistema de significados culturais, focalizados em um determinado grupo social. Entre outros pesquisadores sociais, Woods (1989, p.19-20), por exemplo, diz que os etnógrafos ingressam em determinado campo de estudo, procurando assumir a qualidade de membro daquela organização, ou grupo. Procuram atuar diretamente com sua própria participação, na situação que investigam, a fim de observar como efetivamente ocorrem as coisas em seu estado natural.

5 A **antropologia** acentua o fato de que o homem é um ser de cultura, que muda e evolui. Como metodologia de pesquisa, procura descobrir as invariantes culturais da humanidade, preocupando-se sobretudo com os homens concretos, na sua diversidade. Como indica sua etimologia, refere-se ao estudo do homem em geral (do grego *anthropos*, 'homem'). Neste sentido engloba a etnologia, estudando suas culturas. Na perspectiva da sociologia, estuda a interação com o outro no seu modo de vida e estabelece relações com a história e a filosofia.

Esta postura de natureza etnográfica não consiste em explicar o que sucede, mas em descrever o que sucede. Requer de cada pesquisador uma criatividade suficiente, a fim de representar o objeto da pesquisa com todas as "camadas" de significado. O pesquisador não atua, pois, apenas como testemunha de dados e fatos, mas também como fonte de significados. Mesmo limitado pela própria percepção, ele exerce uma tarefa *holística*⁶, enquanto descreve rigorosamente todas as inter-relações de significados que caracterizam o grupo pesquisado. O pesquisador não ingressa, pois, no campo de investigação apenas como pesquisador, mas ingressa também como um agente pesquisado. E para facilitar sua penetração nas diferentes "camadas de significados" poderá assumir, por exemplo, o papel de um romancista, de um historiador, de um jornalista, de um colega de trabalho, e outros.

Esta postura investigativa lhe permite desenvolver uma observação mais fiel, mais aguda, e com uma fineza de ouvido que lhe permita captar também o que apenas a sensibilidade emocional lhe permitira identificar. Poderá colocar-se, por assim dizer, na pele dos próprios personagens, mas sem alterar as situações que investiga, sem interferir na vida cotidiana dos pesquisados e, principalmente, sem perder a própria naturalidade. São condições tão necessárias para a objetividade e originalidade de expressão. Condições que lhe permitem captar e registrar os dados segundo seus significados, e sem descaracterizar as formas culturais obtidas em seu próprio "berço". E para melhor descrever os significados, poderá contar a "história de vida" de cada investigado, e desvendar também as estruturas subjacentes das formas culturais tal como são vividas. Entre os usos para a etnografia sugeridos por Woods (1989, p.24-30) está a investigação dos significados que ocultam o que as pessoas realmente fazem - o que inclui a investigação de estratégias, procedimentos, comportamentos, métodos, meios, recursos linguagens. Incluímos, pois, todos os dados sobre algo que tenha sido desenvolvido para alcançar certos fins. Nesta perspectiva, os significados também ocultam-se no que as pessoas realmente fazem. Sugerimos, pois, investigações sobre:

⁶ **Holismo**, do grego *holos*, "todo". Uma sociologia é *holista* quando sua análise parte da sociedade global e não do indivíduo, por oposição a uma sociologia individualista - em que o indivíduo preexiste à sociedade.

- A identidade propriamente profissional de um grupo de profissionais do turismo, incluindo seus interesses, carreiras e biografias.
- O modo como os profissionais do turismo se adaptam em seu "papel".
- Os aspectos críticos em suas carreiras e atividades afins.
- As gratificações, obrigações e problemas pessoais e profissionais.
- Inovações e avanços obtidos em seu exercício profissional.
- Obstáculos e estilos particulares de atuação.
- Estudos e vivências, incluindo a utilização de recursos e de meios tecnológicos.

Uma "noção de campo"

Uma noção de campo resulta, de certo modo, de uma *estenografia* conceptual que desenvolve um modo de construção do objeto da pesquisa.⁷ Todavia, uma fiel "noção de campo" só é alcançada com mais clareza quando o objeto de investigação for percebido e pensado *relacionalmente*, e diretamente, nas situações em que efetivamente se apresenta, cujos limites incluem suas relações e seus efeitos com outros objetos. Mais especificamente, uma noção de campo de um objeto de pesquisa turístico surge das atividades e procedimentos do investigador que, juntamente com os investigados, procura interagir com objeto de investigação, enquanto também o investigador vivencia as mesmas situações reais encontradas pelos pesquisados. Ou seja, uma pesquisa qualitativa, no campo do turismo, exige que o pesquisador se transforme em pesquisado não só para poder obter os dados que procura, mas especialmente para poder evidenciar os significados essenciais que apontam para as devidas decisões contextuais.

Também Bourdieu (1994, p.32) nos diz que para evidenciar o que é essencial, é preciso pensar relacionalmente. Sendo que o real é relacional, pode ser que nada se saiba acerca do que se julga saber, pois o que se sabe, fora das suas relações com o todo, "*não é nada*". Assim, os pesquisados só fazem parte do campo da pesquisa na medida em que nele sofrem efeitos, ou em que nele os produzem. E para organizar esse procedimento de modo a

⁷ **Estenografia** - arte de escrever depressa, com traços reduzidos, havendo para isso diversos métodos. "(Do grego *stenós*, estreito + *graphein*, escrever).. A estenografia aparece no período clássico greco-romano, empregada para apanhar discursos e dissertações dos filósofos e oradores. Xenofonte a empregou entre os helênicos. Entre os latinos, Ênio já tinha organizado mais de 1.100 'notas', ou abreviações arbitrárias. (Dicionário Enciclopédia Brasileiro. Porto Alegre: Editora Globo, s/d.)

identificar "causas" e "efeitos" pode-se construir um *sistema coerente de relações*, interrogando sistematicamente o caso particular de cada pesquisado para retirar, dele, as propriedades gerais e as invariantes que só se denunciam mediante uma interrogação sistemática. Assim, um sistema coerente de relações resulta das interrogações sistemáticas e substanciais de cada caso particular. Ou seja, cada caso deve receber a aplicação das interrogações até que se possa evidenciar suas propriedades. Pela aplicação das interrogações, cada caso também poderá revelar, além dos *caracteres variantes*, caracteres *invariantes* que permaneciam ocultos sob as aparências de uma singularidade. A partir da interrogações, o raciocínio analógico permite ao pesquisador mergulhar nas particularidades de cada caso estudado para realizar "*a intenção da generalização, que é a própria ciência*". A esse respeito, Bourdieu (1994, p.27-29) sugere que se faça **um quadro de caracteres** pertinentes. Em nosso caso, com as respectivas adaptações, temos:

- Inscreve-se cada pesquisado em uma linha, e abre-se uma coluna sempre que se descobre uma propriedade que caracteriza o objeto de pesquisa em seu exercício profissional - o que nos obriga a pôr a interrogação sobre a presença ou ausência de uma determinada propriedade em todos os outros profissionais (isto na fase puramente indutiva da operação).
- Depois, faz-se desaparecer as operações, as repetições, e reúnem-se as colunas que registram características estruturais ou funcionais equivalentes, procurando rete-las.
- Isto nos permite não só discriminar as diferenças pertinentes entre os agentes, mas também nos *obriga a pensar relacionalmente* tanto as unidades como suas propriedades.

Pela pesquisa etnográfica, da qual fazem parte tipos de Estudo de Caso, como a História de Vida, torna-se possível agrupar os dados e significados em torno de: a) tipos de evidências comuns entre determinados profissionais; b) tipos de evidências singulares a cada profissional investigado, que contribuem para as evidências comuns entre os profissionais; c) tipos de evidências comuns e singulares, que nos permitem estabelecer com certa clareza as inter-relações de sentido e de significados.

Também o caminho da construção do objeto de pesquisa aponta para o que nos falta, criando um "vazio" que não se consegue preencher. Esse "hiato" (ou esse espaço vazio) precisa ser tomado como um espaço indicativo para as possíveis respostas sobre o que nos

falta. Conforme Jean Ladrière - (na introdução da obra de Bruyne (1984) normas, princípios, critérios e procedimentos criam uma idéia reguladora.

Mas a cientificidade de um modelo nem sempre deve ser determinada antecipadamente e nem será considerada elaborada de uma vez por todas.⁸ Também não existe todo um "telos" prévio, nem um esquema regular, invariável, no *devoir da ciência social*. A própria cientificidade que hoje temos, também é produto do "devoir" da ciência e não representa uma exigência vinda de fora, pois princípios e procedimentos vão continuar sendo elaborados pela interação constante entre métodos e objetos. Assim também idéias diferentes de cientificidade vão continuar a emergir do processo histórico - especialmente quando se trata de fenômenos sociais.

"Existe como que um processo de auto-organização graças ao qual um procedimento de início tateante consegue desenhar de modo cada vez mais preciso seu eixo de evolução. (...) A norma de que se trata aqui não vem de nenhum outro lugar senão do próprio processo pelo qual a ciência se constitui em seu *devoir* histórico." (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1984, p.13)

No *devoir* dinâmico da realidade, e mediante diferentes objetos de estudo, toda a metodologia é um caminho de ação e reflexão a ser gradativamente aperfeiçoada, marcada pela criatividade e iniciativas dos agentes. Não cabe, por exemplo, determinar essências fixas do tipo aristotélico ou do tipo hegeliano, em que só o espírito humano se desenvolve sobre uma natureza estática - o que significaria optar por quase dogmas e recusar a liberdade necessária para se poder refletir e avançar.

Uma forma de abordagem também elabora "modelos"

O método científico também nos ajuda a "construir modelos" de ciência, ora obedecendo mais à racionalidade dos conhecimentos, ora elaborando uma nova compreensão que esteja de acordo com o "bom senso". Pela racionalidade, o pesquisador

⁸ No prefácio da obra de BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de, 1984.

age em conformidade com as regras, tradições, usos e costumes aceitos pela comunidade. Age também em conformidade com os conhecimentos de causa e efeito, mas valorizando especialmente os meios e fins que favoreçam suas escolhas. São duas tendências metodológicas, no campo das pesquisas sociais, que precisam continuar sendo conciliadas e melhoradas.⁹ As recomendações, o que aprendemos dos outros (educação, tradições, hábitos, estoque de conhecimentos) são pressupostos que podem ser agrupados em tipos de experiências, formando um esquema de referência para visualizar outras possibilidades. Também a história de um grupo social, por exemplo, contém as experiências anteriores de seus membros. Suas experiências são constituídas de significados subjetivos. Suas "tipificações" incluem suas diferentes formas de linguagem, e apresentam "funções" que são reconhecidas pelos demais agentes daquele grupo social.

Na situação de pesquisa "face a face", por exemplo, cada participante da pesquisa também tem uma experiência de si mesmo, através do outro (seu semelhante), que se realizou por meio de fluxos de consciência. Nesta interação (vista sob a ótica de investigação social) intervêm os motivos típicos, como: *idealização da reciprocidade de motivos*, significando um *meio ambiente comum* de experiências - sem o qual a codificação e a compreensão intersubjetiva ficariam comprometidas.¹⁰ Para Chizzotti (in FAZENDA, 1992, p.94), preciso compreender os significados do conhecimento, a partir do sujeito da ação. "(...) é preciso ver o sujeito da ação, tomado no seu contexto natural e na

9 Alfred Shutz, que foi aluno de Husserl e trabalhou com Weber, procurou conciliar essas duas tendências, fazendo uma análise das ações de Weber, tendo como referência a fenomenologia de Husserl. Conforme Chizzotti (in FAZENDA, 1992, p.85-98), a *fenomenologia do mundo social de Shutz* é uma tentativa de dar uma explicação às ações humanas, lidas por uma interpretação fenomenológica. As análises do cotidiano inspiram-se na fenomenologia de Shutz e no *interacionismo simbólico*, termo empregado por Blumer, em 1937, para ressaltar o significado que as pessoas dão às interações humanas. Entre as teorias interacionistas, são significativas as teorias da estigmatização social que estudam muito a relação interpessoal. Vão buscar muito mais a convivência, a manifestação espontânea e as relações que as pessoas criam no seu dia-a-dia.

10 Foi Alfred Shutz quem primeiro procurou compreender os processos e a interpretação do dia-a-dia que dão sentido às ações humanas, às rotinas habituais e todas as atividades que vão estruturando a vida social dos indivíduos. Sua inversão metodológica consiste em compreender as práticas sociais dos sujeitos no contexto em que eles as praticam, procurando identificar e descrever os significados sociais que as pessoas dão às suas práticas, aos seus objetos, aos acontecimentos do seu mundo social e cultural. Tanto as práticas como os significados criados pelo pensamento de "senso comum" só podem ser pesquisados e compreendidos em sua autenticidade, no seu contexto, em suas interações sociais - o que requer o envolvimento do pesquisador nas práticas dos seus investigados. Ver Chizzotti (in FAZENDA, 1992, p.85-98).

compreensão da estrutura social de vida, construída nas interações das pessoas".

Uma abordagem qualitativa, portanto, requer procedimentos descritivos dos dados não só para poder delimitar o campo de investigação, mas também para poder "desvelar" significados ainda encobertos, isto é, não literalmente expressos. Além de descrever cada unidade de significado, descreve-se as relações interdependentes entre as unidades. Esta impregnação com os significados dos dados obtida através da descrição nos permitirá intuir também o que não seria obtido de outro modo. Pela descrição dos dados, torna-se possível compreender, por exemplo, a intersubjetividade de apreensão de um mundo comum. Fundamentalmente, optamos pela abordagem qualitativa porque...

- ⇒ nossa preocupação essencial encontra-se no "significado";
- ⇒ nossa análise dos "dados" será descritiva;
- ⇒ nossa análise considera o contexto e suas influências nos significados do objeto da pesquisa e nos significados dos resultados obtidos;
- ⇒ nossa interpretação dos significados será obtida pela "percepção", procurando ainda contribuir para o que se denomina "*teoria de base*" - um conjunto de conceitos e princípios que se elevam de baixo para cima.

A pesquisa qualitativa

O "Estudo de Caso" - que inclui a "História de Vida" dos sujeitos participantes de uma pesquisa - pode ser visto como um tipo de pesquisa qualitativa característico, pois requer que o objeto pesquisado seja analisado profundamente. Pode admitir uma estatística simples, elementar, como diz Triviños (1987, p.133-134). Pode abranger um sujeito, ou um grupo de sujeitos, em seu ambiente cultural e histórico mais complexo. Fundamentalmente, essa metodologia busca pela formação e pela evolução do fenômeno, a partir das suas relações estruturais essenciais e básicas. Todavia, mais do que outros tipos de pesquisa, a pesquisa qualitativa requer o envolvimento do pesquisador, vivenciando ele mesmo o processo, no qual se encontra o objeto a ser investigado. Ele também pode realizar uma auto-correção do método que adota, pois pode ocorrer que novas hipóteses e novos procedimentos venham a ser decorrentes do andamento da própria investigação. E para

coletar a "História de Vida", não basta realizar entrevistas aprofundadas, aberta e livre, com cada profissional investigado. Aos conteúdos da entrevista, aliam-se os dados obtidos pela "observação participante" e os dados obtidos de outras fontes.¹¹

A História de Vida torna-se, pois, um documento em si mesma. Também Becker (1994, p.15) nos incentiva a qualificar os métodos de captação de dados, da maneira mais adequada aos nossos problemas. Da mesma maneira, Haguette (1987, p.80) nos diz que a "História de Vida" deve atender também aos propósitos do pesquisador. Todavia, cabe-nos enfatizar sempre a perspectiva fornecida pelo pesquisado, pois a compreensão que elaboramos também se fundamenta em suas experiências, cujos significados provém também do seu ponto de vista. Assim, para coletar uma História de Vida, vamos cumprir etapas para garantir que o relato abranja tudo o que se quer e se precisa conhecer, e que nenhum fato ou acontecimento importante seja desconsiderado. E para tomar consciência sobre a função e a importância de cada detalhe, em que cada fragmento contribui diferentemente para a compreensão do todo, valemo-nos da citação figurada e clara de Becker (1994, p.104).

"Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para a nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças têm uma função maior a cumprir (...)"

O autor também justifica a necessidade de teorizações realizadas pelo pesquisador sobre métodos de pesquisa. Entende que as idéias que nos faltam podem estar condicionadas na realidade objetiva, ou podem estar encobertas pelas circunstâncias históricas - o que torna incompatíveis os modelos prévios de investigação. Posso ser antiquado, diz Becker (1994, p.12-13), *"mas prefiro um modelo artesanal de ciência, no qual cada trabalhador produz teorias e métodos para o trabalho que está sendo feito"*.

11 Segundo Martinez (1985, p.218), *"estudo de casos, investigações de campo e investigações antropológicas"* são consideradas pesquisas etnográficas de caráter qualitativo quando incluem a "observação participante" em seu ambiente natural, evitando a determinação prévia de variáveis por parte do investigador.

Em síntese, não podemos permanecer condicionados a interpretar somente em termos do que foi deixado pelos outros pesquisadores - o que não significa ignorar princípios importantes - pois, de certo modo, sempre estamos diante de situações em que se precisa construir soluções. Se não o fizermos, estaremos deixando de influenciar sobre a teoria que utilizamos. Em nosso caso, nenhuma iniciativa profissional, em especial no campo do turismo, pode ser desconsiderada - pelo menos até que se saiba qual foi a real utilidade daquela iniciativa, naquele contexto, para aquelas pessoas envolvidas, em relação àquele objeto especificamente. Portanto, nada do que faz um profissional poderá ser desconsiderado pelo pesquisador. E para levantar problemas e hipóteses mais relevantes, realiza-se a "observação participante". Becker (1994, p.47) recomenda coletar dados também através de "conversas informais". Aconselha uma análise seqüencial dos dados durante a coleta, e outra análise, mais abrangente, depois do trabalho de campo. Só assim poderemos voltar a questionar acontecimentos que exigem aprofundamento, ou obter registros e materiais que não foram considerados pertinentes anteriormente. Além disso, assumir o papel de observador participante permite captar os significados da interpretação subjetiva dada pelo pesquisado. Sabe-se, por exemplo, que um profissional, em seu "dia a dia", ordena seu meio de trabalho e atribui significados e relevâncias a objetos, ações, procedimentos.

Também Cicourel (in GUIMARÃES, 1990, p.110) afirma que "(...) não se pode fazer pesquisa de campo ou usar qualquer outro método de pesquisa nas ciências sociais sem levar em consideração o princípio da interpretação subjetiva". Ou seja, enquanto conversamos com os investigados, devemos levar em conta os "constructos da sua vida cotidiana", se quisermos compreender os significados atribuídos às nossas perguntas.

Nesta perspectiva, os principais instrumentos de uma investigação social qualitativa tradicionalmente utilizados são, respectivamente, um formulário de indicação dos pesquisados, entrevistas em profundidade (instrumento central da obtenção qualitativa de dados que também permite dialogar com o pesquisado sobre as demais informações

pertinentes a esta investigação, como: livros, obras, palestras, depoimentos, pesquisas, artigos, entrevistas, gravações) e a observação participante (que inclui conversas informais e porque muito contribui para levantar problemas, hipóteses, dados, informações complementares).

.Sugerimos, pois, alguns passos para a obtenção dos dados, como:

- 1º - Aplicação do instrumento de indicação ou de escolha do pesquisados.
- 2º - Realização de entrevistas aprofundadas, não estruturadas.
- 3º - Realização da observação participante.
- 4º - Transcrição das entrevistas, sem descaracterizar a História de Vida, incluindo-se os dados obtidos nas observações, nas conversas informais, nos depoimentos de seus pares, nos depoimentos anteriores considerados pertinentes que tenham sido divulgados em relatórios de pesquisas, artigos, obras, conferências, documentários.
- 5º - Análise dos dados.

Passos para análise dos dados

1º - Os dados sobre uma situação pesquisada não são problemáticos, enquanto sua validade repousa no acervo de conhecimentos, nas experiências e nos procedimentos anteriores que até então foram aceitos como válidos. Cabe ao pesquisador reunir as idealizações que revelam a constância da estrutura do mundo, cuja validade encontra apoio no acervo de conhecimento. Cabe ao pesquisador identificar e contextualizar os dados de modo a demonstrar que existe um hiato, um vazio, um desconhecimento. Isto ocorre quando uma experiência, mudança ou transformação, ocorrida na situação, contradiz o que até então tenha sido considerado válido; ou quando o pesquisador não encontra no "acervo de conhecimento" referências suficientes para responder àquela situação problemática.

2º - Além de caracterizar a tipicidade da constituição problemática originária, cabe ao pesquisador explicitar sua significatividade, focalizando as estruturas sociais que a determinaram, descrevendo os elementos interdependentes de modo a evidenciar o conhecimento primeiro, fundamental - aquele que surge em seu estado originário típico.

Sua tipicidade aparece como resposta, ou tentativa de solução, para aquela situação problemática.¹² O que interessa ao pesquisador é a sedimentação, o acervo de conhecimento e seus aspectos típicos e significativos que se repetem, podendo ser previstos pelas idealizações de "*assim sucessivamente*" e de "*posso voltar a fazê-lo*".

3º - Nas situações profissionais cotidianas, obedecemos ao âmbito da eleição dos motivos das nossas ações. Ou seja, uma situação-problema pode surgir daquilo que até então não havia aflorado como problemático. Ali, na eleição dos motivos, pode-se conhecer o mundo considerado significativo por alguém, pois ali está sua intencionalidade, sua orientação para os objetos e motivos de sua utilização, inclusive para transcender a cotidianidade. Ali também estão os motivos pragmáticos que orientam atitudes, atos, procedimentos, escolhas, opções, decisões. Sendo que a realidade é evolutiva, seu avanço também modifica nossos pensamentos, procedimentos e atos. A explicitação que se apoiava na unidade de "*assim sucessivamente*" pode deparar-se, então, com um horizonte de indeterminação no interior de um conhecimento pressuposto. Algo que era confiável passou a interferir nos atuais motivos e objetivos, fazendo surgir uma indeterminação.

4º - A linguagem, aliada aos recursos profissionais utilizados aparece como objetivação do conhecimento. Como a linguagem, também os símbolos, as marcas, os produtos, os signos, os meios, as artes, os recursos, as ferramentas, os conhecimentos em geral são objetivações motivadas de atos. Assim como a linguagem, também os objetos, os recursos e os símbolos nos ajudam a transcender a cotidianidade. Através de símbolos, também podemos orientar nossa intencionalidade, provocar estados de alerta e tensões de consciência. As formas de significatividade temática impostas referem-se ao não familiar, que provoca mudanças ou rupturas em nossas expectativas. Poderá avançar para a significatividade hipotética quando as ações do pesquisado vão sendo ajustadas, ou refutadas, para originar novas situações. Na significatividade interpretativa não captamos o tema como único, mas estabelecemos relações com outras experiências e coincidências disponíveis no acervo de conhecimento.

12 A tipicidade provém de experiências captadas em seu típico modo de ser - não apenas em sua existência fática. O "tipo", em termos estritos, representa uma variação das tipificações e se entrelaça intimamente com a linguagem vigente na situação. Mas também algo "atípico" pode surgir, em relação ao estado vigente do "acervo de conhecimento". Se uma experiência é atípica, transforma-se em tema de explicitação até alcançar sua "tipicidade" suficiente para o domínio daquela situação problemática

5º - A realidade efetiva dos estratos de sentido adquirem expressão por meio de questões concretas como: linguagens, meios, objetos, símbolos, atitudes, procedimentos. Aquele que relata suas experiências, nelas manteve seu pensamento como guia das ações práticas. Para o nosso caso, cabe ao pesquisador evidenciar os procedimentos, recursos e aspectos essenciais utilizados pelo pesquisado para criar as situações que estão sendo pesquisadas, descrevendo-os como uma realidade também constituída por pensamentos, motivos, ações e intencionalidades objetivadas.

6º - O ordenamento do que está ao nosso alcance efetivo, incluindo-se o que é recuperável, obedece às modalidades de sentido. Para continuar a ordenar o curso temporal, segundo os graus de urgência e hierarquia de valores, prevalece o princípio de que "*o primeiro é o primeiro*". Para isso, toma-se por base o campo visual e auditivo, incluindo os objetos registrados pela memória e os sentidos captados pela recordações. Já o ordenamento das tipificações obedece aos contextos de significado socialmente objetivados. O pesquisador poderá apresentar as tipificações em suas formas lingüísticas de apreensão. Cabe ao pesquisador articular as categorias sociais biográficas, considerando que toda "História de Vida" tem suas lutas, "marcas", conquistas. Todavia, a situação biográfica do pesquisado pode resultar da história das suas experiências mais decisivas e significativas, focalizando-as na idealização de que "*o primeiro é o primeiro*". ° Cabe ao pesquisador captar o que é ou não é elemento significativo, na situação problemática, incluindo resíduos ocultos que podem manifestar elementos positivos, embora permaneçam ainda velados por determinações negativas. As conclusões surgem do acervo de conhecimento; ou resultam de guias de conduta; ou provêm das tipificações, ou surgem como "achados" obtidos das experiências dos investigadas, respectivamente.

7º A aquisição do conhecimento e sua utilização obedecem ao princípio de que "*o primeiro é o primeiro*". A credibilidade tem seu sentido entrelaçado à factibilidade dos atos. Para alcançar uma familiaridade suficiente, conta-se com a ajuda das tipificações disponíveis no acervo de conhecimento. Os fatos exitosos também são legitimadas pelas circunstâncias da situação. A aquisição do conhecimento e a situação biográfica também vão sendo moldados pelas respectivas situações em que se erguem. As tipificações armazenadas no acervo de conhecimento estão relacionadas com objetos e pessoas

específicas e, respectivamente, com seus aspectos e atributos típicos.

8º O conhecimento habitual (que ocupa um lugar intermediário), além de ser variável, também resulta da sedimentação de experiências anteriores e pode estar presente nas situações. Mediante o impacto de crises, por exemplo, surgem as <<surpresas>> que motivaram "saltos" para âmbitos não cotidianos da realidade. Nestes âmbitos que transcendem a realidade, o acervo de conhecimento pode manifestar-se totalmente insuficiente, e *"o mundo pode converter-se em um mistério que somente se faz transparente mediante um conhecimento que transcende a realidade cotidiana.*

9º Sendo que as comparações estão condicionadas pela significatividade da situação, também precisam ser colocadas diante do conhecimento de nossos semelhantes que vivenciam tais situações. Entre os objetos de cada experiência surgem contornos sombreados, menos conhecidos, cuja densidade a ser explicitada depende dos níveis de familiaridade, determinação e credibilidade. Nas zonas sombreadas estão os lugares ainda vazios, relativamente opacos, ainda não captados significativamente pela consciência. Se estabelecermos relações entre as zonas sombreadas, possivelmente os contornos da experiência podem tornar-se mais nítidos (menos opacos), mais transparentes (menos intransparentes), mais acessíveis à nossa compreensão.

BBLIOGRAFIA

BECKER, H. S. Métodos da pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.

BRUYNE, P. de; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. de. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984

CAUMO, T. Comunicação didática. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em Educação), Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

CAPALBO, C. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Shutz.* Rio de Janeiro: Antares, 1979. CHAUI, M. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1997.

DENKER (1998, p.18)

FAZENDA, I. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade e ou ideologia.* São Paulo: Loyola, 1992.

GUIMARÃES, A. Z. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990,

IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL
Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo
Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de Julho de 2006

HAGUETTE, T. M. F. Metodologia qualitativa na sociologia. Rio de Janeiro:Vozes, 1987.

HUSSERL, E. A idéia da fenomenologia. Lisboa: Edições 70, 1986.

MARTINEZ, M. M. Nuevos métodos para la investigación del comportamiento humano
(texto mimeografado) Caracas: universidad Simon Bolivar, 1985.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia de la percepción. Barcelona: Península, 1975.

SCHUTZ, A.; LUCKMANN, T. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

TRIVIÑOS, ^a N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

WOODS, P. *La escuela por dentro: la etnografía en la investigación educativa*. Buenos Aires: Paidós, 1989.